BRASIL. ECA: Estatuto da Criança e do adolescente. Lei Federal n. 8069, de 13 de Julho de 1990.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

GUSSO, S. F. K. e SCHUARTZ, M. A. A criança e o lúdico: A importância do "brincar". Revista Digital: PUCPR: p. 236-248, Curitiba, 2010.

MATOS, M. M. O lúdico na formação do educador: Contribuições na Educação Infantil. Cairu em Revista. Bahia, n. 2, p. 133-142, jan. 2013.

PALMA, M. S.; ALMEIDA, B. G. S.; TURCATI, V. B.; PONTES, M. F. P. Jogos
tradicionais no contexto educativo. Revista Kinesis. Rio Grande do Sul, n. 2, p. 99-113, jul/dez. 2015.

PEREIRA, L. H. P. e BONFIN, P. V. Brincar e aprender: Um novo olhar para o lúdico no primeiro ano do Ensino Fundamental. Educação. Santa Maria, n. 2, p. 295-310, mai/ago. 2009.

POLETTO, R. C. Rede de apoio social e afetivo de crianças em situação de pobreza. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1999, 6 p.

POLETTO, R. C. A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. Psicologia em Estudo, Academia. Edu. Maringá, n. 1, p. 67-75, jan./abr. 2005.

RAMOS, D. K.; ROCHA, N. L.; RODRIGUES, K.; ROISENBERG, B. B. O uso de
jogos cognitivos no contexto escolar: Contribuições as funções executivas. Psicologia Escolar e Educacional, Academia. Edu São Paulo, n. 2, p. 265-275, mai/ago. 2017.

SANTOS, C. C. S.; COSTA, L. F.; MARTINS, E. A prática educativa lúdica: Uma ferramenta facilitadora na aprendizagem na Educação Infantil. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET. Dez.2015.
SILVA, A. S.; VALENCIANO, P. J.; FUJISAWA, D. S. Atividade lúdica na
Fisioterapia em Pediatria: Revisão de literatura. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, n. 4, p. 623-636, out/dez. 2017.

SOUZA, M. M. F. A importância da Ludopedagogia na alfabetização. Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí, São Joaquim, 2012.

UNICEF. Declaração Universal dos Direitos da Criança. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_universal_direitos_crianca
.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2020.

CONSTRUÇÃO DO SABER E AS PRATICAS DOCENTES NO CAMPO COGNITIVO

JOSEFA FRANCISCO ALVES

RESUMO

Este trabalho constitui uma síntese da aprendizagem, bem como da função cerebral, por meio de pesquisas em áreas como a psicopedagogia e como essa relação se dá com os estímulos, e portanto, submete temas cruciais à atenção da comunidade educativa nas mais diversas análises educacinais. A comunidade educacional está se tornando consciente que "entender o cérebro e os comportamentos" pode apontar novos caminhos para a pesquisa e melhorar as políticas e práticas educativas. Isso em contato com os conhecimentos do meio acadêmico, com as contribuições didáticas e com as áreas do conhecimento estudantil vem dando um novo fôlego ao desenvolvimento educacional. Ele não propõe soluções simplistas, nem afirma que a psicologia da educação tem a resposta para tudo. Por outro lado, constitui um inventário objetivo do conhecimento atual na encruzilhada da psicopedagogia cognitiva e aprendizagem; também indica caminhos para explorar e listar as implicações ao processo de ensino.
Palavras-chave: Educação; Construtivismo; Ensino; Cognição; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O ser humano pensa-se algumas vezes, ter uma relutância natural em se educar. Esta tendência natural de saber pode-se detectar na criança. Muito antes de ela ir para a escola, a criança já acumulou vasto conhecimento ela pode se expressar na linguagem de seus pais e, às vezes, se o ambiente se presta a ele. Como explicar que a criança tem tanta facilidade para adquirir sua língua falada, enquanto ela leva tanto tempo nos bancos da escola para aprender a escrever, quando consegue. Uma questão séria aqui é a eficácia da aprendizagem escolar e os métodos usados em nossas salas de aula.

Na educação, a atividade mais relevante ocorre do lado da criança que é educada, do jovem ou da jovem que

aprende em conjunto a uma série de técnicas e teorias. A criança, já bem antes de entrar na escola, aprende a falar com uma velocidade espantosa. Local no qual se situa o lar que é tão difícil compreender o aprender e a escrita dessa mesma linguagem dentro do sistema escolar. Muitos educadores observam que os assuntos escolares são difíceis de serem transferidos. A esse respeito, o que uma teoria moderna diz, explica-se por meio do construtivismo, essa teoria busca ensinar que o ser humano organiza, a aula e estrutura o novo material com o conhecimento antigo.

As atividades mais apropriadas na educação são aquelas em que crianças e jovens adultos se ensinam. Os pré-escolares aprendem a falar sua primeira língua com uma rapidez espantosa. Por que então eles têm tanta dificuldade em aprender a escrever a mesma língua na escola? A mesma situação vale para todos os sujeitos – os educadores observaram que é difícil obter êxito. O que uma teoria moderna, construtivista, tem a dizer sobre essa situação? Ensina-nos que eles organizam, classificam e estruturam material novo com base em seu conhecimento prévio.

Na era dos satélites, quando o ambiente educacional se tornou consideravelmente enriquecido, a criança sem dúvida achará mais fácil encontrar-se no meio ambiente, especialmente desde a criação de uma produção considerável. Documentos multimídia esperam-se que as novas tecnologias possibilitem a criação de uma universidade virtual, alimentada pela educação de qualidade.
E isso é ainda mais verdade no que se refere a grande quantidade de documentação multimídia está disponível. Está sendo previsto que as novas tecnologias levarão à criação de um mundo virtual, que é alimentado pelo ensino de alta qualidade.

Em educação, a atividade mais relevante é realiza o lado da criança que é educada, do jovem que está aprendendo.

Para falar de maneira inteligente sobre a educação ou sobre a situação escolar como um todo, profissionais recorriam à tríade: professor, aluno e assunto ensinado. Hoje, a terminologia evoluiu um pouco para estar mais perto das teorias em voga, preferimos falar de aluno e ambiente educacional, o professor passou a fazer parte desse ambiente educacional como mediador.
Qualquer observador ou perceptivo logo perceberá que a atividade mais relevante em todos os níveis, do elementar ao universitário, independentemente da disciplina ou campo considerado, não está do lado das estruturas administrativas, nem do regime pedagógico, mas ocorre no centro da abordagem pedagógica, mais especificamente do lado da criança que é educada, o jovem ou a jovem que aprende. Além disso, deve ser afirmado com vigor quando há aprendizado, em termos da pessoa mudando, crescendo, se desenvolvendo. É no mundo interior de motivos, atitudes, processo de crescimento que se desenrola a ação para educar. Ela é feita de experiências que estão ocorrendo na profunda personalidade do despertar dos recursos internos, os desenvolvimentos pessoais progressivos e, especialmente, do crescimento doméstico lento cujo impulso discreto nem sempre é sensível o administrador preocupado com a organização e eficiência.

CONCEITO DE SUPERDOTAÇÃO

Inteligência, criatividade e talento são conceitos centrais e estão incluídos nas várias definições que foram propostas para superdotação. Diferentes definições evoluíram de um único desempenho intelectual para a identificação de múltiplas habilidades e inteligências. Abordagens multifacetadas são consistentes com as categorias de inteligência analítica, criativa e prática. Tanto a teoria das inteligências múltiplas quanto o modelo de comportamento servem como exemplos precisos de
teorias multifacetadas e bem pesquisadas de inteligência e superdotação. A superdotação é definida como um processo de desenvolvimento com referências cognitivas, comportamentais e neuropsicológicas especiais.

Os aspectos relacionados a educação nesse tocante são objeto de legislação específica, como podemos ver na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008):

“[...] demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes, além de apresentar grande criatividade, envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse” (BRASIL, 2008, p. 09).

Crianças superdotadas e talentosas são aquelas identificadas por pessoas profissionalmente qualificadas que, em virtude de habilidades excepcionais, são capazes de alto desempenho. São crianças que necessitam de programas e ou serviços educacionais diferenciados, além daqueles normalmente fornecidos pelo programa escolar regular, a fim de realizar sua contribuição para si e para a sociedade. As crianças capazes de alto desempenho incluem aquelas com realização demonstrada e ou capacidade potencial em qualquer uma das seguintes áreas, individualmente ou em combinação capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo, habilidade de liderança; artes visuais e performáticas e capacidade psicomotora.
“As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças

bem dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas" (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 17-18).

Definições posteriores de crianças superdotadas e talentosas evoluíram para incluir os aspectos sociais e emocionais. Essa definição enfoca as características cognitivas e emocionais do indivíduo. A superdotação é um desenvolvimento assíncrono no qual as habilidades cognitivas avançadas e a intensidade aumentada combinam-se para criar experiências interiores e consciência que são qualitativamente diferentes da norma. Esta assíncrona aumenta com maior capacidade intelectual. A singularidade dos superdotados os torna particularmente vulneráveis e requer modificações na parentalidade, no ensino e no aconselhamento para que eles se desenvolvam de modo ideal.
Pesquisas recentes sugeriram que um alto nível de inteligência, juntamente com altos níveis de criatividade, e outros fatores, como traços de personalidade, motivação e fatores ambientais, compõe o que é chamado de superdotação. No entanto, há falta de consenso em relação ao conceito de superdotação, às características do indivíduo superdotado, como ele se desenvolve etc. A pesquisa sobre superdotação é diversa. Existem muitas definições distintas de superdotação, e como mencionadas, até agora apenas um pequeno consenso foi alcançado.

CONCEPÇÕES DE APRENDIZAGEM E NÃO APRENDIZAGEM

Uma abordagem baseada na lógica da Educação Inclusiva deve começar a partir de uma perspectiva de aprendizado e desenvolvimento que considere o histórico dos indivíduos e seus processos particulares de construção de conhecimento. Deste ponto de vista, as estruturas do conhecimento parecem ser construídas pelo indivíduo ao longo do curso de sua interação com o ambiente social, embora sejam fundamentadas na inteligência como capacidade humana. Portanto, o avanço no desenvolvimento cognitivo também é considerado um processo único, de modo que, não necessariamente todos os indivíduos, invariavelmente atingirão níveis cognitivos mais avançados. Para alguns autores, esse é um erro comum ao interpretar a teoria construtivista de Piaget, pois o que o autor diz é que a passagem de um estágio para outro depende principalmente do ambiente social que pode acelerar ou retardar o início de um estágio, ou até impedir sua manifestação (ROTTA, 2007).

Assim, o conhecimento é desenvolvido pela colaboração entre ensinar e aprender indivíduos. Para Vygotsky, é na relação com os outros e através dela que ocorre a conversão dos processos de dimensão social para a dimensão individual, que é a base do processo de aprendizagem. Sendo assim, o autor acredita que o ambiente social historicamente construído fornece as ferramentas físicas e simbólicas que o organismo utilizará como mediador nesse processo.

A construção do conhecimento pode então ser considerada como envolvendo experiências individuais que motivam as pessoas a aprender ou a não aprender, ou seja, todo aprendizado está ligado a significados que são muito específicos para cada indivíduo (ROTTA, 2007). Por exemplo, o processo de aprendizagem implica inevitavelmente uma ambivalência emocional, pois envolve o indivíduo aceitando que ainda não conhece alguma coisa e, ao mesmo tempo, o prazer da descoberta. A forma como cada indivíduo lida com essa ambivalência é algo muito peculiar e pode estar relacionada, entre outros fatores, à sua percepção de auto-eficácia, ou seja, o grau em que os indivíduos acreditam que são capazes de atingir determinados objetivos.

Levando em consideração todos esses aspectos, é plausível supor que as dificuldades de aprendizagem possam estar relacionadas, mas não necessariamente, a algumas deficiências intelectuais ou sensoriais, entre outras. Em muitas situações, essas dificuldades resultam de falhas interacionais, como as que envolvem a relação do indivíduo com o meio social que alteram ou dificultam o desenvolvimento cognitivo (ROTTA, 2007). Isso pode ocorrer até mesmo entre alunos com deficiência que muitas vezes têm seu potencial de aprendizado subestimado e, como resultado, tendem a ter menos demandas deles pelo meio social.

Como tudo isso pode ser aplicado quando o aluno um está instituições de ensino existem dois perfis de estudantes. Um de idade mais avançada que já atingiu o nível formal de desenvolvimento cognitivo – isso não significa que ele necessariamente aplicará essa lógica a todos os conteúdos aos quais está exposto. E de outro o aluno que ainda não construiu estruturas formais, especialmente devido a condições desfavoráveis em seu processo de escolarização.

Obviamente, esses dois perfis podem ser pensados, didaticamente, como dois extremos em

continuidade, entre os quais existem muitos outros casos. Além disso, das questões que envolvem o desenvolvimento cognitivo dos alunos, é necessário considerar outros aspectos que permeiam sua aprendizagem. Entre estes, os desafios inerentes ao contexto escolar e ao ciclo de vida do aluno que nele ingressam e podem ser mencionados (ORRU, 2011).

O aluno, geralmente em transição deve adaptar-se a uma nova lógica de construção do conhecimento, orientada principalmente por uma posição de maior autonomia e independência representada pela figura do professor e pela família. Neste sentido, ele ou ela deve ser capaz de usar um conjunto de estratégias de aprendizagem que permitam uma maior autorregulação. O aluno também tem que lidar com o desafio de entrar em um grupo social novo, ampliado e diversificado, o que nem sempre é fácil. Além disso, é necessário escolher uma carreira e avaliar continuamente a adequação da escolha.

Outro fator importante na adaptação e sucesso dos alunos é representado pelas condições oferecidas pela escola, como a qualidade do ensino em sala de aula e os serviços institucionais de apoio ao estudante (ORRU, 2011). Quanto a este último, as discussões sobre a aprendizagem, incluindo aquelas pertencentes ao campo da Educação Inclusiva, são unânimes em apontar a necessidade de serviços de apoio psicopedagógico aos estudantes.

PSICOPEDAGOGIA NA INTERFACE: ENSINO E CUIDADO

O século XIX é marcado pelo advento de pesquisas sobre o desenvolvimento motor, intelectual e emocional das crianças. As figuras emblemáticas desta pesquisa são Maria Montessori (doutora e pedagoga) e Jean Piaget (psicólogo). Nesta linha, a psicopedagogia se desenvolveu na França em meados do século XX. A etimologia do termo “psicopedagogo” refere-se à do “pedagogo” (do grego paidagôgía) “criança” e “levar, acompanhar”. A filosofia desta ciência é acompanhar, de forma personalizada, as dificuldades escolares que podem esmaecer o percurso dos alunos, apoiar o seu desejo de aprender e evitar que abandonem a escola. Isso é feito através de uma leitura educacional e psicológica de suas dificuldades, levando em consideração a personalidade da criança em seu investimento na escola.

O objeto da psicopedagogia é, portanto, o estudo e suporte das condições psicológicas e cognitivas necessárias para a aprendizagem e matrícula escolar (MANTOAN, 2003). Assim, a psicopedagogia afirma a estreita ligação entre desenvolvimento psicológico, desenvolvimento cognitivo e aprendizagem. Na educação voltada para o público de jovens observamos a importância de fatores psicológicos e cognitivos na qualidade do investimento escolar. Um estudante com um distúrbio de aprendizagem (dislexia ou dispraxia), incapaz de atender a certos requisitos acadêmicos é improvável que perder alguma confiança em sua capacidade de aprender, de se sentir ninguém e ficar desanimado ou alienar aprendizagem (MANTOAN, 2003). Situações de abusos causadas por estudantes podem causar problemas que devem ser mediados por profissionais, estes problemas podem causar rupturas em quem sofre sentindo-se excluído, pode não ser mais capaz de ir à escola por medo de ser assediado novamente por seus colegas (essa recusa é frequentemente acompanhada de “somatização”: dor de estômago, dor a cabeça, etc.). Um estudante que percebe demandas parentais maciças de seus pais, temendo que ele não consiga satisfazer seu desejo, pode desenvolver ansiedade sobre o desempenho (um medo esmagador de fracasso) (MANTOAN, 2003).

Para ajudar esses jovens, é essencial apoiá-los em sua totalidade, apoiar a autoestima e a motivação, permitir que se conscientizem de suas estratégias de aprendizagem e os ajude a ajustá-los de acordo com suas dificuldades, transmitir uma metodologia específica para estudantes com dislexia, dispraxia ou TDAH (transtorno do déficit de atenção com ou sem hiperatividade) (MANTOAN, 2003), apoiar quando ele não pode investir com calma na escola por causa de dificuldades com seus pares. Para ajudar os alunos em dificuldade, é necessário acompanhar o aluno no nível pedagógico e psicológico. Um trabalho próximo também é indicado com seus pais e seus professores, a fim de harmonizar e coordenar a supervisão desse jovem.

O AMBIENTE EDUCACIONAL E AS DIFICULDADE DE COMUNICAÇÃO

Como há uma tendência de trazer ações significativas para o ambiente educacional da criança, a maioria dos teóricos acredita que o tipo de professor soberano em sua sala de aula, que conhecemos, perderá sua autoridade. a ciência e seu crédito em favor de um ambiente rico em informações e dados no qual a criança e o aluno podem desenhar à vontade (FREIRE, 2010). O papel do orador seria, portanto, chamado a se transformar.

Sob este título do ambiente educacional, primeiro discutimos o caso do professor, diz o palestrante hoje, e depois o das novas tecnologias em educa-

ção.

O funcionamento da mente, para o qual a referência foi feita acima, nos interessa como os alunos entenderam e lembraram o que se disse durante a elaboração da maneira de transmitir o conhecimento, isto é, transmitir ideias e

conhecimentos de uma pessoa para outra. No uso comum, o ensino é concebido como uma ação que uma pessoa mais bem preparada exercita outra pessoa menos, ou como um bem que uma pessoa dá a outra, transmite ou impõe em colaboração.

Essa transmissão de conhecimento que usa a linguagem feita de frases que consistem em palavras não é ilusória, talvez a ilusão nasça do fato de observarmos que a linguagem funciona muito bem na vida cotidiana (FREIRE, 2010). No entanto, em uma sala de aula, muitos professores já passaram por isso: o conhecimento é difícil de transmitir pela fala.

Os profissionais em educação geralmente baseiam sua ação em uma suposição inválida de que as palavras e frases que o professor associa às suas experiências pessoais evocam o mesmo significado nas mentes dos alunos que as recebem. No entanto, as experiências pessoais do aluno não são as mesmas do professor (FREIRE, 2000).

Como exemplo, podemos nos perguntar qual é o modo particular em que representamos a geografia do mundo. É provável que o centro não esteja localizado em partes identificáveis através do mundo, nem nas proximidades das instâncias vicinais, mas para cada um de nós, o ponto central da organização da localização do mundo é naturalmente colocado em sua pequena representação de nascimento ou em uma rua em sua cidade, da qual todo o universo é articulado.

Em tal contexto, o aluno entende o que pode e às vezes o que ele quer. Além disso, a experiência nos diz que a primeira atividade do aluno em uma sala de aula não é assimilar um ensino, sua atenção é direcionada para a forma como ele se situa no ambiente escolar e, mais especificamente, para avaliar o professor. Ele formará uma ideia concreta daquele que o ensina bem antes de achar importante aprender verbos irregulares ou o acordo de particípios passados.

Este exemplo é uma ilustração surpreendente das ideias tolas de uma criança sobre o ensino que ele recebe, bem como as dificuldades de comunicação que podem surgir na educação como na maioria das situações humanas. Este exemplo atesta, acima de tudo, o fato de que o aluno não precisa realizar uma atividade cognitiva apenas em relação a disciplinas escolares diferentes, mas suas estruturas mentais também devem incluir um ordenamento de sua experiência geral na construção de si

mesmo. Em suas relações com seus professores, com seus colegas e com toda a escola. Em vista de tal afirmação em termos de atividade educacional, pode-se perguntar se a psicologia pode ser útil para nós.

APRENDIZAGEM COGNITIVA E O CONSTRUTIVISMO

Apesar de algumas das dificuldades inerentes à passagem das teorias propostas pelos pesquisadores para a aplicação no campo da educação, permanece o fato de que o falante, ao formular sua abordagem didática, irá se beneficiar entre os modos de aprendizagem propostos pelos teóricos. Além disso, estes no final deste século se voltaram para o aprendizado cognitivo (DELVAL apud BECKER, 2007).

O termo aprendizagem cognitiva criado em resposta ao behaviorismo de Watson e Skinner, nos anos 1960-1970, tem gradualmente deu lugar ao termo construtivismo já utilizado por Jean Piaget, ao desenvolver sua teoria do desenvolvimento de inteligência. Durante os anos 1980-1990, a palavra construtivismo deu origem a uma nova versão das ideias de Piaget. Uma teoria híbrida surgiu da aprendizagem e da pedagogia. Alguns experimentos parecem mostrar que essa abordagem poderia tornar-se frutífera e fornecer uma visão global e até mesmo fértil para todos os fenômenos educacionais (DELVAL apud BECKER, 2007). Embora construtivismo seja discutido e de modo variado julgados particularmente para as suas posições radicais teoricamente, a maioria dos psicólogos e pedagogos das comunidades empurram epistemologias mais tradicionais para adotar essa renovação da pedagogia, que, em sua opinião, melhor atenderia às conclusões das teorias atuais de aprendizagem (FREIRE, 2010).

O construtivismo tem muitas raízes na filosofia e psicologia deste século. Entre outros, podemos mencionar a perspectiva do desenvolvimento e cognitiva de J. Piaget figura de proa de um primeiro construtivismo em estudos dos processos de memória e pensamento no processamento da informação, bem como as declarações culturais.

Apesar de algumas discrepâncias entre as declarações desses vários autores, a pesquisa em psicopedagogia chega a uma abordagem comum reconciliável e ao desenvolvimento de métodos didáticos que possam renovar

o ensino em vários níveis do sistema escolar (PIAGET, 2011).

O construtivismo estabelece um princípio básico que diz o seguinte, o conhecimento é construído pelo próprio aprendiz enquanto ele se esforça para integrar bem suas experiências. A palavra construção é aqui o termo central da teoria. De fato, o cérebro do aprendiz não consiste em pequenas cavidades ou células vazias para preencher, uma posição legada pelos proponentes do positivismo; pelo contrário, o intelecto da criança ou do adulto está constantemente em ação, organiza, classifica, estrutura o novo material com o conhecimento antigo, de modo a chegar a um todo significativo (para fazer sentido, dizem os americanos). Se surgem novas experiências que entram em conflito com o conhecimento adquirido no passado, o sujeito experimenta, desenvolve e, em particular, avalia até o surgimento de uma estrutura satisfatória. Isso faz com que o mundo real se manifeste apenas onde as nossas construções falham (PIAGET, 2011).

Aos olhos dos construtivistas, o fracasso torna-se assim o elemento mais importante para o avanço do conhecimento, uma vez que obriga o sujeito a confrontar a nova situação com estruturas previamente adquiridas (PIAGET, 2011). Significa literalmente que não podemos aprender, isto é, mudar a maneira como entendemos o mundo ou um fenômeno particular e como nos comportamos em relação a ele, que se nosso conhecimento prévio não nos levar até lá onde nós queremos ir. Se essa falha não ocorrer, tudo o que aprendemos é que nossa maneira atual de construir o mundo é viável e produz os benefícios esperados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de se esperar que com a imensa mudança provocada pela chegada de novas tecnologias na educação, psicólogos educacionais, educadores de línguas, artes e ciências, junto com especialistas dos departamentos de tecnologia, produzir documentos de alta qualidade pedagógica que possam atingir o aluno em seu próprio processo de aprendizagem. Dessa forma, as modernas tecnologias educacionais se tornarão recursos de qualidade rara para alcançar os objetivos dos currículos e, mais especificamente, para desenvolver a capacidade de pensar.
Escusado será dizer que o construtivismo e as novas tecnologias têm ambos os lados para oferecer ao mundo contemporâneo da educação. No entanto, as teorias da aprendizagem e as prescrições para a prática do ensino devem andar de mãos dadas. Então, neste ponto, algumas pessoas ficarão tentadas a imaginar se a tecnologia da informação pode fazer um bom casamento no final deste século com essa nova teoria chamada construtivismo.

Podemos associar cultura a arte como instrumento de auxílio imaginativo, subjetivo, narrativo e frequentemente controverso, mas muito raramente científica. Em contraste a isso, nós retratamos ciência como lógica, objetiva, factual, e integral ao nosso entendimento da natureza, tanto de nós mesmos quanto o mundo ao nosso redor. Mas o crescente insight que alguns cientistas tiveram veio a reconhecer o trabalho de artistas como co-investigadores da realidade, assim levaram suas abordagens a diferirem, artistas e os cientistas, se esforçando para um objetivo comum em busca pelo reconhecimento das partes constituintes do conhecimento. Portanto acreditamos ao associarmos psicopedagogia à arte encontramos os elementos que além de sustentar nossas aspirações, contribuímos para enriquecer os estudos sobre essa ciência que cada dia mais ganha proporções importantes. Lacunas existem e sempre hão de existir pois o conhecimento não é algo que se esgota, sempre há de surgir uma nova possibilidade, temos a crença de que a continuidade da pesquisa em questão possa caminhar em torno da questão alimentar que abordamos aqui, mas para o momento estamos satisfeitos com os resultados obtidos.

A psicopedagogia demonstra claramente que o cérebro tem uma grande capacidade adaptação às demandas de seu meio ambiente, plasticidade e conexões neurais são criadas ou outros são enfraquecidos ou eliminados conforme necessário. A extensão da modificação depende de tipo de aprendizado: Aprendizado de longo prazo leva a mudanças mais profundas. Ela também depende de quando a aprendizagem acontece.

As atividades lúdicas devem voltar-se para o entendimento do ambiente, assim como, estimular a imaginação e, acima de tudo, divertir educando. Como em qualquer processo de socialização os pais costumam pensar no brinquedo “certo” para seu filho antes de adquiri-lo. Mas como reconhecer brinquedos de alta qualidade educativa ou
como você saber se o brinquedo é seguro? Os jogos de hoje muitas vezes fornecem padrões de pensamento, em que a criatividade individual e a imaginação das crianças nem sempre são suficientemente estimuladas. Mas também existem jogos digitais que
- usados com medida e objetivo - permitem que as crianças experimentem e aprendam. Além disso, deve também ser observado que, cada vez mais brinquedos específicos de gênero estão voltando ao mercado e, portanto, uma distribuição clara dos jogos já ocorre em uma idade jovem. Mais importante do que regar as crianças com brinquedos, é dar-lhe espaço e tempo para brincar, no qual ela possa expressar sua própria imaginação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: J.